

» NAHIMA MACIEL

Artista e arquiteta Gabriela Bilá desembarcou em Belém, no mês passado, sem um roteiro pronto, mas com a intenção de produzir um trabalho que refletisse sobre o futuro das cidades. Em parceria com Diogo Costa Pinto, Bilá deu início a um projeto para ser exibido durante a COP 30 na capital paraense e cuja sequência incluiria Brasília. O resultado foi o Atlas imaginário, que ela mostra agora no SesiLab, uma instalação interativa na qual Belém se tornou uma cidade parcialmente submersa habitada por criaturas míticas cujas origens estão na mitologia amazônica.

O percurso começa com um vídeo no qual a personagem Barqueira circula pelas águas de uma cidade submersa em momento de cheia. A narrativa criada por Bilá está ancorada nas previsões da ciência para o comportamento do tempo em consequência das mudanças climáticas. Extremos como chuvas intensas e secas recordes fazem parte desse imaginário. A Belém submersa visitada pela Barqueira torna-se um esqueleto de prédios e construções em concreto quando a maré baixa e desnuda o que, um dia, teria sido a paisagem urbana.

Nesse vaivém das águas, há blocos de floresta encantada, filmada, principalmente, em Mosqueiro, e criaturas como um pirarucu gigante com o qual o público pode interagir por meio de um joystick apelidado por Bilá de “cabeção”, construído com cestaria e objetos artesanais. “A instalação é uma ideia mais ampla de imaginar como as cidades podem ser no futuro indo além desse tipo de cidade que a gente tem hoje em dia. No mundo inteiro temos esse modelo em que a natureza está para fora e a cultura, para dentro. Esse modelo europeu da cidade fortaleza”, diz Bilá. “E o Brasil, antes da colonização, tinha formas muito diversas de habitar a paisagem, de transformar. E essas formas ainda existem, elas não acabaram, elas só foram

INSTALAÇÃO
DE GABRIELA BILÁ
E DIOGO COSTA PINTO
NO SESILAB PROPÕE
REFLEXÃO SOBRE
O FUTURO DAS
CIDADES

assoladas por outros tipos, mas ainda existem.”

A intenção era de que o ambiente do vídeo carregasse uma estética de ficção científica futurista. “É esse lugar meio fantástico. Eu queria muito, desde o começo, gerar uma estética sci-fi e futurista, mas que não fosse aquela coisa hollywoodiana ou akawanda, tipo, ‘a cidade na floresta’. A gente foi criando uma estética sci-fi mais brasileira e amazônica”, diz a artista.

Além do vídeo, Atlas imaginário apresenta um enorme mapa de Belém e entorno e uma escultura que a artista batizou de Uaiá. Construída em meriti, uma palha seca muito usada no artesanato do Pará, a peça carrega nas costas uma cidade imaginária que se desfaz em blocos. Construída em parceria com o artesão Marcelo Waz, de Abaetetuba, a Uaiá simboliza essa cidade mutante que se desfaz e refaz. “Falei: ‘Marcelo, vamos fazer tipo uma viagem de Chihiro da Amazônia’”, brinca Gabriela. Toda a produção dos trabalhos, incluindo o vídeo, foi realizada em parceria com artistas do Pará. “A gente foi dando um giro para entender os muitos jeitos de habitar da região e meio que a coisa naturalmente aconteceu em Belém, porque as pessoas também eram muito acolhedoras. E fomos criando uma rede de pessoas muito talentosas, artistas muito incríveis”, conta a artista.

Brasília é a próxima protagonista desse conjunto de instalações imaginadas para pensar o futuro das cidades.

des. Na terra natal, Gabriela quer olhar para elementos como a água, já que o Cerrado é fonte de nascentes, o bioma, a terra e as ocupações urbanas. “Aqui é a poeira vermelha, os fogos, o capim dourado. É um outro visual assim, uma estética diferente, mas nós já estamos trabalhando. São dois ecossistemas interdependentes, né? As águas nascem no Cerrado e depois são evaporadas na Amazônia. O cerrado é o bioma mais velho, a Amazônia é o mais novo”, conta Gabriela, que é pesquisadora do MediaLab do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e contou com recursos do MIT Brasil e com edital de R\$ 200 mil do Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF) para criar as obras.

Gabriela conta que a ideia era começar o projeto por Brasília, mas a COP 30 acabou por oferecer algumas oportunidades de fomento por parte do MIT. “Pensei por que não pensar também num outro ecossistema muito diferente, que eu já tinha curiosidade de conhecer mais”, conta. Mas a intenção é expandir para outras cidades além de Brasília e manter o foco na questão climática. “Estamos no século do clima, essa é a história transversal. A estimativa é de que, até 2050, quase 80% da população humana vai viver na cidade. Então é nas cidades que vão estar as emissões de carbono, é nas cidades que é gerado aquele estilo de vida que também necessita cada vez mais consumo”, aponta.

Uma das discussões que Gabriela quer trazer com o projeto é repensar o habitar humano, incluindo aí a relação com os não humanos. “É que não seja nesse estilo de cidade que a gente tem hoje, porque aí pode ser uma forma de imaginar talvez uma saída para o para o arco onde a gente entrou. A gente vai ter que, cada vez mais, olhar essa situação e pensar em soluções muito mais locais e modos de fazer muito mais locais, não coisas genéricas. Não tem uma tecnologia que vai nos salvar, vai ter que ser meio que caso a caso. Então queremos olhar como é que podem ser os tipos de cidades do futuro para as diferentes paisagens do Brasil”, explica.

Gabriela Bilá e Diogo Costa Pinto nas instalação Atlas imaginário, no SesiLab



UMA BELÉM MÍTICA

ATLAS IMAGINÁRIO

De Gabriela Bilá e Diogo Costa Pinto. Com participação de Clara Luna, Dimitre Lima, Iris da Selva, Jean Petra, Jonny Cohen, Juca Culatra, Labô Young, Leo Chermont, Lucas de Jesus, Luan Rodrigues, Marcelo Vaz Dimirriti, Natasha Leita, Ribs+Seixas, SelectaStrange, Victoria Machado. Em cartaz até março de 2026, de terça a sexta, das 9h às 18h, e sábado, domingo e feriados, das 10h às 19h.